

3/6/98
273

17

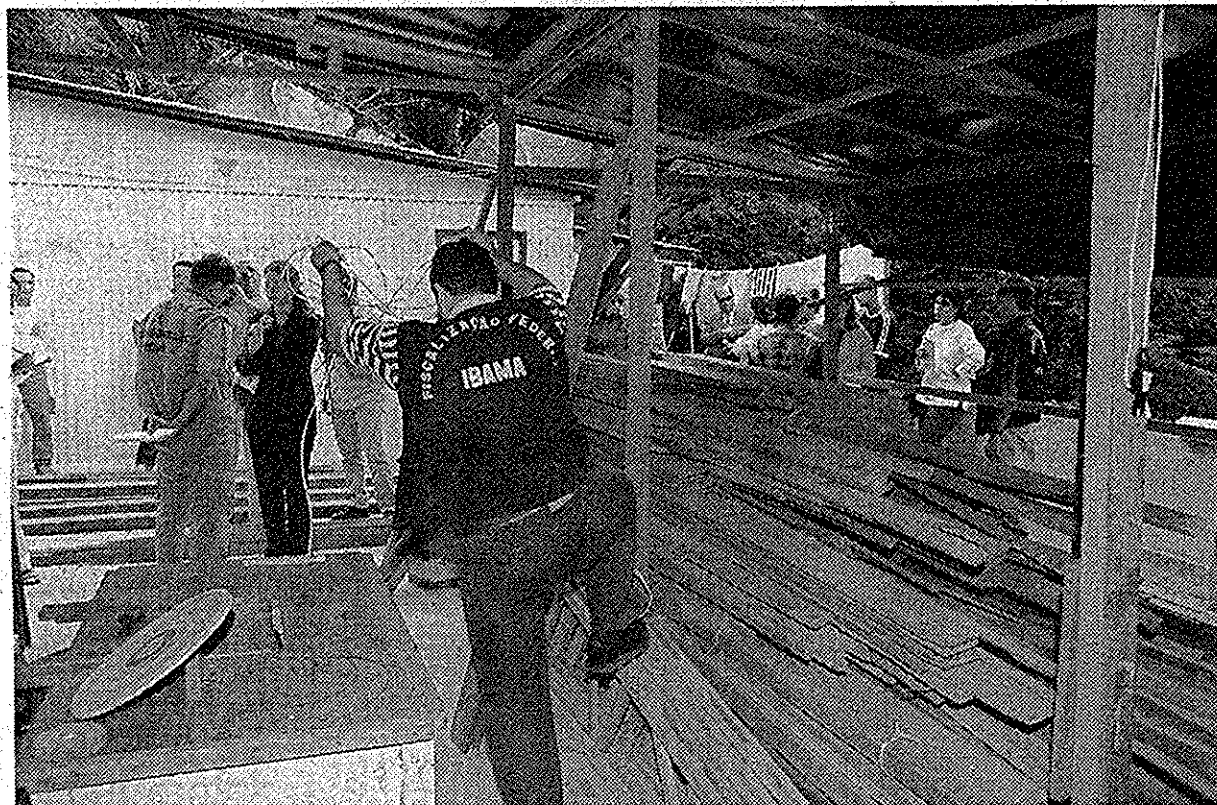
Ibama intervém na Tijuca

■ Madeireira que operava no Parque Nacional é fechada e famílias também são expulsas

Fiscais do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (Ibama) autuaram e fecharam a marcenaria clandestina que funcionava dentro do Parque Nacional da Tijuca, próximo à estrada de ferro do Corcovado. Um aparelho de serra circular foi apreendido e o proprietário, Raimundo Fernandes Barbosa, tem o prazo de 72 horas para demolir a construção e retirar toda a madeira estocada – que segundo ele foi comprada, sem nota fiscal, na Rua Frei Caneca. Além disso, terá que pagar uma multa de R\$ 1.351.

As 15 famílias que moram ilegalmente na área também foram autuadas e terão que retirar em até dois dias os animais domésticos e o lixo que acumulam em volta das casas, sob pena de pagar multa de no máximo R\$ 4.900. “A marcenaria foi fechada porque não é permitido construção dentro do parque, muito menos atividade comercial. As famílias serão reassentadas posteriormente”, explicou a diretora do Parque Nacional da Tijuca, Sonia Peixoto. O Instituto de Estudos Religiosos (Iser) está realizando um levantamento e cadastramento de todas as famílias que vivem no parque. Somente após o estudo desta população – estimada em 50 famílias – é que serão definidas as alternativas para a retirada e reintegração de posse do Ibama.

“Não podemos simplesmente retirar as pessoas daqui. É um problema social grave”, disse o novo chefe da Divisão de Controle e Fiscalização da Superintendência do Ibama no Rio, José Carlos Lopes, que estreou ontem sua atuação, após a denúncia da ocupação irregular, publicada na



Técnicos do Ibama estiveram ontem no Parque Nacional da Tijuca e autuaram a marcenaria clandestina

edição de segunda-feira do **JORNAL DO BRASIL**. Diariamente o Ibama recebe, em média, 30 denúncias de casos de agressões ao meio ambiente. Esta ocupação irregular nos arredores do antigo restaurante Silvestre não é nova. Os próprios funcionários admitem que há pelo menos três anos estas famílias se instalaram ali, despejando lixo e esgoto a céu aberto.

“Há quatro meses embargamos uma construção irregular ao lado do local onde funciona a marcenaria. Depois disso eles a construíram”,

disse o responsável pela fiscalização no parque, Luís Fernando Lopes da Silva. A obra paralisada serve hoje de cozinha da casa do marceneiro – uma precária construção forrada com teto de plástico. No local Raimundo mora com a mulher, Maria Pereira Régis, e dois filhos adolescentes.

Atualmente 19 agentes do Ibama são responsáveis pela fiscalização da área de 3,2 mil hectares que compõe o Parque Nacional da Tijuca. De outubro do ano passado a março, eles ainda assumiram as funções da em-

presa de segurança. “Os agentes diminuíram a fiscalização móvel e ficaram cuidando do patrimônio do parque. Foi neste período que a marcenaria, por exemplo, foi construída”, justifica Sonia Peixoto que, com uma nova licitação, conta atualmente com 15 seguranças cuidando do patrimônio.

O estudo preliminar do Iser já constatou que a maioria das famílias que moram a menos de 100 metros dos trilhos do trem do Corcovado é de antigos funcionários públicos, alguns do próprio Ibama.

Luiz Morier